

## ROSA LUXEMBURGO - Breves notas biográficas e históricas

Nasce em 1871, numa pequena cidade polaca em território integrado no Império czarista.

Entre 1880 e 1887, frequenta uma escola secundária, onde iniciou a sua actividade política.

Por causa disso, exila-se em Zurique, onde estudou economia, política e Direito, tendo-se doutorado em 1898. Participou na fundação do Partido Social-Democrata do Reino da Polónia e da Lituânia.

Em 1897, obtém a cidadania alemã e filia-se no SPD. Participa no debate gerado pela difusão das ideias revisionistas de Eduard Bernstein com uma série de artigos publicados no *Die Neue Zeit*, mais tarde, em 1990, reunidos no livro *Reforma ou Revolução?*

Em 1905, mudou-se para Varsóvia para poder participar na Revolução Russa e publica *Greve de Massas, Partido e Sindicatos*.

De novo em Berlim, prossegue a sua actividade no seio do SPD e empenha-se a luta contra a entrada da Alemanha na 1ª Guerra Mundial. Na sua opinião, a guerra que se prepara visa apenas a redistribuição de colónias e zonas de influência. Os operários, transformados em soldados, serão apenas carne-para-canhão ao serviço dos interesses dos capitalistas. Quando o SPD vota os créditos de guerra, afasta-se e, em 1914, funda a Liga Spartakista. Entretanto, a maioria dos outros partidos social-democratas seguem o exemplo do SPD. A II Internacional desfaz-se porque os seus militantes passaram a combater-se em trincheiras opostas.

Em 1915, é presa e acusada de alta traição. Permanece na cadeia até ao fim da guerra, em 1918. Publica, sob o pseudónimo de Junius, *A Crise da Social-Democracia*.

Em 1916, divergências quanto à posição do SPD sobre a guerra, conduzem a uma cisão do seu grupo parlamentar e, em 1917, a ala pacifista forma o Partido Social-Democrata Independente (USPD), no qual se integra a Liga Spartakista.

Em 1918, A Alemanha está em convulsão. Os marinheiros de Kiel revoltam-se e pedem a demissão do Imperador e a paz imediata. A revolta estende-se a outras cidades e formam-se “conselhos de soldados”, segundo o modelo dos soviets russos. Na Baviera, desencadeia-se uma revolução e instaura-se a República. Em Berlim, Imperador, pressionado pelo Estado-Maior, abdica e foge para a Holanda. O Chanceler Max von Baden demite-se e entrega a chefia do governo ao social-democrata Friedrich Ebert. Philipp Scheidemann declara instauração da República com o apoio das chefias das forças armadas e dos conselhos dos operários e soldados. Constitui-se um governo formado por ministros do MSPD (social-democratas maioritários) e do USPD (social-democratas independentes).

A social-democracia está dividida em três tendências. A maioria (Ebert e Scheidemann), que tinha votado os créditos de guerra, está empenhada em restaurar a ordem. Defende a convocação de eleições para uma Assembleia Constituinte, a instauração de um República parlamentar e a dissolução dos Conselhos, que considera serem um fenómeno transitório que deixa de ter sentido uma vez concluída a revolução que pôs fim à monarquia imperial.

Os social-democratas independentes, herdeiros dos dirigentes que, como Karl Kautsky e Eduard Bernstein, se tinham oposto à guerra, defendiam a nacionalização de alguns sectores estratégicos da economia e pelo reconhecimento dos Conselhos, cuja actuação deveria, no entanto, ser articulada com a de uma democracia parlamentar clássica.

Os spartakistas que, em 1919, se separam do USPD e fundam o KPD (Partido Comunista da Alemanha), onde se encontram Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, Franz Mehring e Clara Zetkin, defendem a revolução socialista e entendem os Conselhos como uma nova forma de poder, a alternativa socialista à democracia parlamentar burguesa.

Com o fim da guerra, os partidos da direita quase desapareceram do mapa político. No entanto, as forças mais conservadoras reuniram-se á volta das chefias militares. O espírito prussiano que valoriza, acima de tudo, uma disciplina fundada na obediência incondicional à autoridade, encontrou, numa época de desordem e incerteza, refúgio nas forças armadas. Estas, por sua vez, vencidas na guerra, queriam lavar a sua imagem apresentando-se como o último reduto da ordem e da coesão nacional.

Além disso, muitos soldados desmobilizados, mas nostálgicos da guerra e das virtudes militares, organizaram-se, sob a direcção dos seus antigos oficiais, em grupos paramilitares, os *Freikorps*, para a prosseguir, agora numa frente interna, contra aqueles que ousassem por em causa a velha ordem e as antigas tradições.

O governo social-democrata tinha, sobretudo, duas preocupações: a legitimação do regime – e, para isso, queria organizar eleições, e a reposição da ordem social – e, para isso, contava com as chefias militares. De facto, encontrava-se na sua dependência e, por isso, os *Freikorps*, verdadeiros precursores das SA nazis, actuavam com toda a liberdade.

Entretanto, a crise agravava-se e encaminhava-se para um verdadeira guerra civil. O centro encontrava-se em Berlim, onde mais de 200.000 operário estavam desempregados e a força e a combatividade dos Conselhos era maior. Os conflitos sucedem-se. Os ministros social-democratas independentes demitem-se do governo. Os marinheiros de Dorrenbach cercam a Chancelaria. No dia 5 e 6 de Janeiro de 1919, uma grande manifestação ocupa o centro da cidade, enquanto milícias spartakistas e independentes ocupam as sedes dos principais jornais.

O governo entrega a organização da repressão a Gustav Noske. A batalha de Berlim dura seis dias, após os quais, com o apoio dos *Freikorps* se consuma a derrota da insurreição.

Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht são presos e assassinados. Como eles, serão perseguidos e sumariamente executados centenas de outros militantes spartakistas.

A última batalha trava-se na Baviera, onde a república soviética que aí se tinha constituído foi sanguinariamente reprimida por *Freikorps* vindos de toda a Alemanha.

Concluída a repressão, realizaram-se eleições. O SPD obteve 11,5 milhões de votos e o USPD, 2,5 milhões. Os social-democratas não conseguiram obter uma maioria absoluta e, a partir de então, foram obrigados a formar governos de coligação com partidos burgueses. Além disso, perderam grande parte do apoio que tinham tido entre a classe operária das grandes cidades, transformando-se num partido interclassista, dependente do apoio da pequena-burguesia e das regiões rurais.

Em 1922, foi publicada *A Revolução Russa*, obra que Rosa Luxemburgo deixaria incompleta, onde, embora manifeste o se apoio à Revolução, critica muitas das opções dos bolchevistas e, nomeadamente, a concepção leninista da ditadura do proletariado.